MARCUS BARCELOS

Autor de *Horror na Colina de Darrington*

DANÇA DA ESCURIDÃO

"Marcus escreve como se plugasse suas ideias em tomadas e desse-lhes vida através da eletricidade. Alta tensão do início ao fim."

JOSH MALERMAN – Autor do *best-seller Caixa de Pássaros*

FARO EDITORIAL

MARCUS BARCELOS

DANÇA DA ESCURIDÃO

FARO EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial PEDRO ALMEIDA
Preparação de textos TUCA FARIA
Revisão GABRIELA DE AVILA
Capa e projeto gráfico OSMANE GARCIA FILHO
Imagens de capa DMITRIJS BINDEMANIS E BAIMIENG | SHUTTERSTOCK
Ilustrações internas © THOMAZ MAGNO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barcelos, Marcus
Dança da escuridão / Marcus Barcelos. — 1. ed. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2016.

ISBN 978-85-9581-019-8

1. Ficção brasileira 2. Ficção de suspense I. Título.

18-13624 CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção de suspense : Literatura brasileira 869.93

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2018
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br

INTRODUÇÃO

Quando eu tinha mais ou menos dez anos de idade, decidi que queria ser escritor. Foi uma daquelas coisas que a gente decide antes mesmo de descobrir se leva jeito.

Eu poderia ter decidido que queria ser astronauta, por exemplo. Ou pintor. Hoje sei que não teria a inteligência necessária para a primeira profissão e, valha-me Deus, muito menos a habilidade necessária para a segunda. Mas na época eu não sabia de nada disso. Só o que eu sabia era o quanto gostava de ler todos aqueles livros e, cara, como deve ter sido incrível criar todas aquelas histórias. Eu costumava pensar: se ler já é essa viagem toda, imagine escrever?

Acho que você já consegue imaginar o que aconteceu depois.

Os cadernos que antes serviam exclusivamente para atividades escolares e desenhos (feios) começaram a ficar cada vez mais abarrotados de histórias do meu cotidiano infantil com meus amigos. E assim nasciam meus primeiros originais. O problema é que eles eram mais relatórios que histórias, e os nossos dias não eram nem de longe interessantes para que eu pudesse despertar a curiosidade de alguém. Então eu sabia que, se um dia quisesse que as pessoas viajassem por aquelas páginas igual eu fazia com as aventuras dos *Karas*, do Pedro Bandeira, precisaria de alguma coisa a mais…

E aí, pouco tempo depois, eu descobri o que era: um pouquinho de mentira.

"Mentira!?", você deve ter se perguntado, "Que coisa feia, pequeno Marcus…"

Ora, não me julgue...

Não eram mentiras maldosas que eu tinha em mente, apenas algumas… situações inventadas, como a visita à uma casa abandonada e misteriosa que tinha na minha rua, por exemplo. O Paulo Victor, ou PV, um amigo meu desde essa época, era magro e ágil como um gato e conseguiria pular o muro para o outro lado sem dificuldades. Eu, no entanto, era gordinho e, ainda que corajoso, dificilmente conseguiria acompanhá-lo…

Então, resolvi fazer o que todo bom aspirante a escritor faz: imaginei como teria sido. Escrevi todo o episódio, detalhe por detalhe, desde a nossa escalada até as coisas que encontramos lá dentro e quando enfim pousei o lápis, havia um excelente dia de aventuras no caderno que, eu pensei, valia a leitura. Minha primeira história, criada antes até que eu soubesse que a "mentira" a que me referia se chamava, na verdade, ficção.

Essa foi parar na gaveta, pois só o prazer em criá-la já me bastou naquele momento, mas muitas outras vieram depois, quando a paixão pela escrita me dominou de vez. Passar minhas ideias para o papel foi se tornando mais frequente; a leitura, mais voraz; e o *feedback*, mais promissor. E aí, somente algum tempo depois de descobrir que eu queria ser escritor, foi que me dei conta de que talvez, de fato, levasse jeito para a coisa. Ainda não descobri, confesso. Mas o fato de sempre esperar que a minha próxima história supere a anterior funciona como uma espécie de combustível que me leva cada vez mais adiante.

E foi exatamente com essa vontade de me superar que nasceu o *Dança da Escuridão*. Saiba, amigo ou amiga, que este livro em suas mãos contém a história mais desafiadora que já escrevi.

Quando coloquei o ponto final em *Horror na Colina de Darrington*, publicado pela Faro Editorial em 2016, eu já sabia como queria que a história de Benjamin Francis Simons terminasse. A questão era como eu chegaria lá.

A ideia era contar em *Dança da Escuridão* tudo o que me levou a tomar as decisões do primeiro livro, desde as soluções de conflito até as motivações dos personagens (antigos e novos) e seus passados, e eu

queria muito entregar a você uma história que fosse completamente diferente, mas que mantivesse o mesmo ritmo que fez com que *Horror na Colina de Darrington* tivesse a recepção maravilhosa que teve. Como, então, encaixar muito mais explicação em uma narrativa acelerada?

O resultado foi um bloqueio criativo que durou quase oito meses. Durante todo esse tempo batalhei contra o medo de não conseguir exceder as suas expectativas e de não conseguir superar o primeiro livro, de escrever uma história que ficasse aquém do esperado… mesmo sabendo que o eu que tinha para te contar era incrível e que, muito provavelmente, você gostaria de saber, eu não estava sabendo *como* fazer isso. E acabei me esquecendo do que fez com que eu começasse a escrever, lá atrás.

O Pequeno Marcus, creio eu, ficaria bem puto comigo… Ele me diria que antigamente eu não me preocupava com nada disso e que escrevia simplesmente porque gostava, sem nem ao menos ter a certeza se um dia alguém leria aquelas folhas de caderno rasgadas.

E ele teria razão...

Foi então que eu decidi ouvir o meu passado e esquecer o resultado final só por alguns dias para, simplesmente, fazer o que eu sempre fiz: contar a porra da história. E eu não poderia ter ficado mais orgulhoso com o que segue por estas páginas.

É engraçado como, às vezes, por nos cobrarmos tanto ao fazer alguma coisa, acabamos nos esquecendo do que nos levou a querer fazer aquilo no início. O que aconteceu comigo apenas serviu para me mostrar que, ainda mais importante que o resultado final, é o processo. Um processo que eu faço porque gosto desde que me entendo por gente, que farei para sempre e que certamente continuaria fazendo, mesmo que optasse por deixar tudo que escrevo guardado na gaveta. É um caso de amor, não tem jeito. É até difícil explicar.

Mas o amor, você sabe, existe para ser sentido, não explicado...

Então, caro amigo ou amiga, agora que terminei o meu pequeno desabafo, peço que prepare-se para embarcar no *Dança da Escuridão*, uma história de suspense e terror sobrenatural que fala, principalmente, sobre o passado inapagável que nos faz quem somos, os horrores que encontramos ao enfrentá-lo cara a cara e o perigo que existe em não

ter o controle das nossas próprias ações. Têm personagens antigos que estão ansiosos para te reencontrar, alguns novos que acho que você vai gostar de conhecer e outros que, bem, talvez nem tanto... Você entenderá nas próximas páginas.

Mas antes de virá-las, lembre-se: assim como Benjamin Francis Simons também descobriu, só que da pior forma possível, não podemos nos esconder do nosso passado. Podemos até tentar, mas dificilmente nos manteremos afastados dele para sempre... Seja isso algo bom ou não.

É legal demais ter você por aqui outra vez.

Espero que goste desta nova viagem.

– Marcus Barcelos.

0

A ÁGUA FRIA QUE FOI ARREMESSADA EM MEU ROSTO sem qualquer cerimônia me trouxe de volta à realidade e me fez perceber que o inferno, afinal, não precisava de chamas ou demônios; bastava um homem com técnicas bem peculiares e um local escuro e congelante onde ninguém poderia ouvir minhas súplicas.

— Bem-vindo, garoto! — Apesar da simpática frase, a voz nas sombras não transmitia nenhum calor humano e o tom de ameaça dificultou ainda mais minha compreensão. Cada célula do meu corpo estava ciente de que o anfitrião tinha conceitos grotescos de hospitalidade. — Olha, vou te contar uma coisa... O tempo realmente não te fez bem.

Minha tosse disputava espaço com a voz nas sombras e um sol artificial me cegava, provavelmente uma lâmpada nua apontada para mim, como se eu fosse o astro principal de algum monólogo de mau gosto.

Era uma pena que, no roteiro da peça, todas as minhas falas fossem gritos...

Meus pensamentos rodavam num turbilhão entre passado e presente e uma forte enxaqueca amassava meu crânio.

— Eu disse *bem-vindo*!

O golpe que veio em seguida poderia ter sido desferido por um punho ou uma marreta. A dor que se espalhou pelo meu rosto quando meu nariz foi arrebentado me privou de qualquer precisão. Sentindo o amargo gosto de ferro e a cabeça latejando, fechei os olhos e tentei me

agarrar a alguma lembrança, qualquer retalho de passado que pudesse haver em algum canto do meu cérebro defeituoso.

— Opa, melhor eu segurar minha animação. Não queremos o nosso convidado desmaiado — disse a misteriosa voz masculina de algum lugar do ambiente desconhecido onde eu me encontrava, ainda me recuperando do meu despertar pouco gentil. — Você sabe por que está aqui, não sabe?

Não, eu não sabia.

Ou melhor, não lembrava. A dor trouxe de volta a minha consciência corporal e então eu percebi que me encontrava com os braços presos às costas, completamente imobilizado. Quando meus olhos resolveram voltar a funcionar, olhei para baixo com dificuldade e vi cordas, correntes e cadeados me atando a uma cadeira de metal.

Ben Simons amarrado em uma cadeira...

Um grande e escroto clichê da minha vida.

— Nem adianta tentar se soltar daí, senhor Simons. Não sou o incompetente do seu tio. Fiz questão de te amarrar bem apertado desta vez.

— Aquele filho da puta não era meu tio — falei cuspindo sangue, e cerrei os dentes como se mordesse o próprio Romeo Johnson, sentindo a onda quente de ódio circular pelas minhas veias e me aquecer pouco a pouco da água gelada que ainda escorria pelas extremidades dos meus cotovelos.

Ultimamente essa onda vinha com bastante frequência, quase sempre incontrolável.

Sempre muito perigosa.

— Quem é você?

— Bom, não é o que dizem por aí, não é mesmo? — questionou Voz Misteriosa, sem responder à minha pergunta. — Ben Simons, o Monstro da Colina. O Assassino. Cruel, impiedoso, sem escrúpulos. Uma mente demoníaca que despertou para a maldade aos dezessete anos de idade e não parou mais. Quanto tempo faz mesmo, hein, Benny? Dez? Onze anos? Você definitivamente não é mais um...

— Não me chame assim — sussurrei.

— E por que não? — Ele parecia estar se divertindo. — Não era assim que aquela sua… — pigarreou. — … priminha querida te chamava?

Era clara a intenção do Voz Misteriosa naquele momento e ele a estava alcançando. Com os punhos cerrados, eu lutava para manter a calma e evitar que as coisas fugissem do controle dessa vez. Eu precisava descobrir onde estava, como viera parar ali e o que acontecera com os outros. Principalmente com o Jacob. Seria minha culpa se ele estivesse morto. E eu não suportaria mais nenhuma morte nas minhas costas.

— Vamos, Benny... mostre pra mim no que você se transformou. Quero ver com meus próprios olhos.

— Não me chame...

Voz Misteriosa me interrompeu, e entoou, gargalhando, como se anunciasse um espetáculo:

— Senhoras e senhores, eu lhes apresento nosso astro da noite, Benjamin Francis Simons! Acertei? Esse é o seu nome verdadeiro? O jovem e solitário órfão de Rochester, que, num belo dia, resolveu assassinar os únicos membros que restavam de sua pobre família...

— Cala a boca.

— Benny, o demônio! Com um coração tão negro, tão sórdido e cruel, que não hesitou em arrancar, sem misericórdia, a vida dos seus tios, e em explodir o crânio de sua prima de apenas cinco anos com um revólver. Cinco anos, senhoras e senhores. Um tiro certeiro… — ele baixou a voz — ... bem no meio da testa.

Todos os músculos do meu corpo protestavam. Era cada vez mais difícil controlar a respiração e meu coração parecia querer romper as paredes do peito a cada frase do Voz Misteriosa. Eu tentava comandar minha mente, como o Jacob me ensinara, mas não conseguia...

— As crianças de New Hampshire já conhecem a música de cor, senhoras e senhores! Vamos, cantem conosco: *"Não ande pela noite, ele pode ver. Seja um bom menino, não tente se esconder..."*

— Chega… cala a boca… — eu supliquei, tremendo.

— *"… A escuridão irá te encontrar, Benny está chegando pra te matar!"*

— Chega… CHEGA!

As últimas palavras rasgaram minha garganta em um rugido e, por alguns instantes, toda a sala estremeceu. Eu não conseguia mais me conter. Estava acontecendo.

— Isso… estamos fazendo algum progresso.

Permaneci em silêncio, respirando fundo. Eu não enxergava nada além de um grande ponto branco em minha frente, já completamente cego pela luz, mas percebia que Voz Misteriosa me rodeava e ele próprio parecia ofegante. Fechei os olhos e me forcei a pensar na Carlinha, exatamente como o Jacob me aconselhara. Uma espécie de roteiro para tentar me acalmar.

Carlinha. O sorriso da Carlinha…

— Vamos logo, Benny — ele apressava, com seu tom grave. — Quanto do menino bom ainda resta aí nessa carcaça acabada? Nem a barba você se deu ao trabalho de fazer. Vai ver é a nova moda. As garotas gostam, é, Benny?

Minha audição ficou abafada.

A Carlinha desenhando em seu quarto…

— Sabe, Benny… a Amanda ficou mesmo bem gostosa, né? — Voz Misteriosa estava ainda mais perto, e zombava de mim. — E aí, vocês chegaram a transar? Ela deu pra você, Benny?

O ódio explodia em meu peito. Uma vontade incontrolável de matar se apoderava de mim, e uma conclusão se tornava clara como a luz que vinha do refletor: *ele* estava ficando cada vez mais forte.

A Carlinha correndo pelo gramado atrás de borboletas...

— Aposto que já... Aposto que ela era uma putinha.

Os gramados verdes de Darrington... Não, Darrington não, por favor...

Eles morreram lá também...

— Você já era, Benny. — Ele riu. — Você está fodido desde o início.

A Carlinha, não...

De novo, não...

— Você perdeu, Benny.

Sem que eu conseguisse mais controlar, minha mente irrompeu em imagens desconexas e violentas de pessoas mutiladas, umas sobre as outras em montes infinitos, debatendo-se em profunda agonia. Homens e mulheres sendo torturados por criaturas sombrias, que observavam seu sofrimento e me convidavam a juntar-me a elas. Ele, que cumpria a promessa de me assombrar para sempre com muita eficácia, penetrava novamente minha consciência com a sua voz ao mesmo tempo grave e aguda, sedento por tomar o controle:

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM JUNHO DE 2018